



**INDICADORES DE *DESIGN* PARA A
SUSTENTABILIDADE NO ARTESANATO DE
JUAZEIRO DO NORTE/CE E SUAS RELAÇÕES
COM A ECONOMIA SOLIDÁRIA**
**Indicators of Design for Sustainability in Juazeiro do
Norte's Handicraft and its Relations with Solidarity
Economy**

Cleonísia Alves Rodrigues do Vale*
Rebeca da Rocha Grangeiro**

*Mestranda do Mestrado Profissional em Gestão Social da Universidade Federal da Bahia. Professora da Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. Endereço: Av. Tenente Raimundo Rocha S/N - Cidade Universitária - Juazeiro do Norte - CE - CEP 63000-000
E-mail: cleodovale@cariri.ufc.br

**Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Professora Assistente da Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. Endereço: Av. Tenente Raimundo Rocha S/N - Cidade Universitária - Juazeiro do Norte - CE CEP 63000-000 E-mail: rebecagrangreiro@cariri.ufc.br

Resumo

O escopo, com esse artigo, é apresentar indicadores de *design* para a sustentabilidade nas práticas de artesanato em Juazeiro do Norte/CE. Desta forma, analisamos a origem do artesanato e, por sua vez, do processo de exclusão histórica do mesmo. Nesse relatório, o *design* para a sustentabilidade não se limita a questões ambientais, mas tenta se aproximar das práticas de Gestão Social, abordando além da dimensão ambiental, dimensões econômica, social e cultural. Os dados coletados com 225 artesãos do município foram tabulados e analisados a partir desse referencial de artesanato e *design* sustentável. Para o estudo da sustentabilidade ambiental, foram analisadas matéria-prima, preocupação ambiental, aquisição da matéria-prima e formas de descarte dos resíduos. Percebemos que há consciência da necessidade de práticas ecológicas, mas as mesmas estão mais voltadas para o descarte dos resíduos, sendo raras as que se referem à matéria-prima. Na dimensão econômica, foi abordada a necessidade de outra atividade para complementar a renda. Essa necessidade ocorreu em 63,6% dos casos

analisados, o que fragiliza a ideia de o artesanato ser sustentável; por outro lado, o artesanato aparece como principal fonte de renda para 69,6% da amostra, complexificando essa análise. A forma como os artesãos aprenderam o ofício é explicado pela vertente cultural e econômica. Em relação aos aspectos sociais, analisamos a participação da família no artesanato, se o artesão é associado e as vantagens em participar das associações. Os dados percentuais indicam sustentabilidade em relação a esse aspecto, no entanto, quase 90% da amostra trabalham em casa e 87,6% são proprietários dos equipamentos de produção.

Palavras-chave:

Artesanato. Gestão Social, *Design* para a Sustentabilidade.

Abstract

The aim of this paper is to present indicators of design for Sustainability practices in Juazeiro do Norte's handicraft. Thus, we

analyzed the handicraft beginning and historical exclusion process of it. In that report, design for sustainability is not limited to environmental issues, but tries an approximation to practices of Social Management, in addition to environmental aspect, economic, social and cultural are referred too. Data collected with 225 artisans in Juazeiro do Norte and tabulated in SPSS v.15 were analyzed from this point of view of sustainable design and craftsmanship. To study environmental sustainability were analyzed raw, environmental concern, purchase of raw materials and means of waste disposal. There is awareness of the need for green practices, but they are more focused on waste disposal are poor in relation to raw material. In economic terms, we analyzed the need for another activity to supplement their income. This need was present in 63.6% of all cases, weakening the idea of sustainable handicraft, otherwise handicraft appears as the main source of income for 69.6% of the sample, complicating the analysis. The way the artisans learned the craft is explained by the cultural and economic. Regarding social aspects, we analyzed the family's participation in handicraft, and be associated benefits to participating associations. The percentage data indicate sustainability in relation to this aspect, however, almost 90% of the sample work at home and 87.6% are owners of production equipment. The main contributions of this study are to provide useful information to understand the behavior of Juazeiro do Norte/CE's artisan and to point the need for actions that promote awareness, and practices in sustainable environmental, economic, social and cultural dimensions.

Keywords:

Handicraft. Social Management. Design for Sustainability.

1. Introdução

A história do artesanato de Juazeiro do Norte está fortemente vinculada ao crescimento econômico vivido pela mesma no final do século

XIX, quando da consolidação da figura de Padre Cícero¹ na região. Segundo Rabello (1967), após a cena da realização do milagre² muitos homens e mulheres de várias regiões vieram até ao povoado para receber a benção do beato e acabaram fixando moradia no lugar, contribuindo para um rápido crescimento populacional. Este quadro exigiu que formas de produção e comercialização fossem desenvolvidas para garantir a sobrevivência dessa população (FEITOSA *et al.*, 2009). É neste contexto que o artesanato de Juazeiro do Norte é impulsionado, e oficinas de produção manual são instaladas nas próprias residências dos artesãos. Para Araújo (2006), essa ação econômica, pautada no trabalho e na fé, deu fundamento a uma concepção de desenvolvimento que abrigava, em seu interior, uma visão empreendedora, pois o incentivo era para “fazer” e “produzir”, que moldou a geografia do lugar, passando de vila santuário para região de economia urbana.

No início do século XX, as oficinas de trabalho deslocam-se das casas dos artesãos para as oficinas no centro da cidade, com a intenção de atrair mais clientes e criar espaços específicos para determinados ofícios (ARAÚJO, 2006). A realização do trabalho artesanal, em Juazeiro do Norte, se dará em espaços coletivos. Gonçalves (2010) aponta cinco associações de artesãos; são elas: Associação dos Artesãos da Mãe das Dores, Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte, Artesãos da Palha de Milho (mais conhecida por Genipoart), Associação dos Lapidários e Artesãos Minerais e Ourives da Região do Cariri (ALAMOCA) e a Associação dos Artesãos da FEART (Feira de Artesanato).

O associativismo é um dos pontos da Economia Solidária que aqui será constantemente evocado pela relação direta que existe com a produção do artesanato local. Não pretendemos, nesta pesquisa, analisar como ocorre a prática da gestão dentro de cada associação, mas utilizá-las como meio facilitador do acesso às informações sobre dados sociais, demográficos, econômico e da produção artesanal em si.

Valorizamos o conceito de *design* que considera o “saber fazer” e os modos de produção artesanais como ferramentas úteis e singulares do *design*. Consideramos a perspectiva social da troca de oportunidades, saberes, informações

e valores materiais e imateriais, que refletem o potencial de um campo fértil para a expansão da solidariedade e da distribuição das receitas como forma equânime de compartilhamento de resultados entre as esferas envolvidas na cadeia do artesanato. Outrossim, entendemos que a expressão “*design* para a sustentabilidade” se estende às funções do *design* como é entendido amplamente, pois envolve a inovação social orientada para a sustentabilidade, a busca por soluções promissoras, entre outros critérios para a sustentabilidade nos seus variados âmbitos.

Dessa forma, com este artigo, objetiva-se apresentar indicadores de *design* para a sustentabilidade nas práticas do artesanato de base associativa em Juazeiro do Norte/CE, bem como suas relações com a economia solidária e, assim, nortear futuras pesquisas, no sentido prático de colaborar com a sustentabilidade - social, ambiental, política, cultural econômica e institucional - do artesanato naquela cidade.

A fim de alcançarmos o objetivo desta pesquisa, o artigo, além de sua introdução, estrutura-se em quatro partes. Na segunda seção, tratamos do marco teórico conceitual que está dividido em quatro itens: artesanato, gestão social, economia solidária e *design*; quando buscamos compreender como se deu as práticas artesanais na história, para propomos uma leitura do artesanato a partir de referenciais da gestão social e do *design* para a sustentabilidade, destacando suas aproximações do fenômeno da economia solidária. Em seguida, pretende-se expor o delineamento metodológico adotado na pesquisa, explicitar os procedimentos e instrumentos utilizados, bem como discorrer sobre os participantes. Na quarta parte, apresentamos os resultados e discussão, com a finalidade de analisar os aspectos ambiental, econômica, social e cultural do artesanato de Juazeiro do Norte/CE. Por fim, trazemos, nas considerações finais, as limitações do mapeamento realizado, os indicadores de sustentabilidade presentes nas práticas dos artesãos, a partir da análise dos dados coletados e do referencial teórico analisado, bem como as contribuições do trabalho e as sugestões para futuras pesquisas.

2. Marco Teórico Conceitual

2.1 O artesanato

A história possui registro de artefatos feitos à mão em todas as épocas, no entanto, foi somente a partir do século XV que o regime de trabalho que reúne as diferentes técnicas manuais de produção ganhou nome (MARTINS, 1973). Segundo esse autor, o processo manual de fabricação prosperou na Europa durante os séculos X, XI e XII. Ao redor dos castelos, os mestres-artesãos trocavam seus produtos por produtos agrícolas e, dessa maneira, o sistema familiar de produção manual se desenvolveu. Devido à sua importância comercial, econômica, política e social, as antigas corporações renasceram e marcaram época.

Entre os séculos XII e XV, surgiu a instituição do artesanato regulamentada pelas corporações de ofício, com a finalidade de prover as demandas da burguesia por artigos de luxo, já que os feudos e mosteiros não conseguiam suprir as necessidades da mesma (PEREIRA, 1979). Corroborando as ideias expostas acima, Saviani (1998) descreve como o artesanato se organizou em diferentes sistemas ao longo de sua história: de um sistema familiar na Idade Média, o artesão passa a organizar-se num sistema de corporações, deslocando-se para a cidade e produzindo para um mercado pequeno e estável.

No entanto, não é possível falar em artesanato sem remeter ao termo arte. O debate sobre as distinções entre o que é arte e o que é artesanato é bem antigo no pensamento ocidental (RUSSI, 2004). Para explicar a origem da diferença entre os termos, pesquisadores se apoiam em fatos históricos. Assim, Rugiu (1998) identifica que, desde a Idade Média, a palavra arte, em língua vulgar, referia-se às atividades de produção manual. Conforme o mesmo autor, a partir do século XV, as artes liberais afastaram-se das artes mecânicas, assumindo uma posição superior, surgindo, assim, uma distinção hierárquica entre as mesmas. Naquela época, as artes eram classificadas em duas categorias - as liberais e as mecânicas ou servis -, sendo as primeiras próprias dos homens livres, e as artes mecânicas, dos servos.

Segundo Bazin (1989), devido ao descrédito das belas-artes, por estarem estas ligadas às artes mecânicas, na Renascença, os artistas reivindicaram uma elevação dessa categoria, a partir da justificativa de que a atividade do artista procedia de operações mentais, já que a mesma partia do desenho. Nesse momento, ocorreu a separação entre as duas categorias. A questão, na realidade, se refere à distinção de classes sociais (LIMA, 2005).

No entanto, a ideia de que no artesanato pensar e fazer estão desassociados - como propuseram os artistas da renascença - é equivocada. Porto Alegre (1984) demonstrou que uma das características da produção artesanal, referindo-se ao processo de trabalho, reside na integração das atividades manual e intelectual, na associação entre a obra e seu autor.

O artesanato continua imbuído de preconceito e, em virtude desse sistema de classificação discriminatório, sua venda, comumente, está localizada em interiores, feiras públicas e mercados municipais (LIMA, 2005). Mas, por outro lado, observamos uma valorização do mesmo. Em países desenvolvidos, destaca Lima (2005), renasce o interesse por objetos feitos à mão, sendo estes altamente sofisticados e alcançam altos preços de mercado.

No Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, tem-se dado destaque ao artesanato de conteúdo cultural (SANTOS, 2007). Conforme a mesma autora, no Brasil, a ampla variedade e quantidade caracteriza a produção artesanal do país, a qual, nos últimos anos, vem apresentando ritmo de expansão crescente, constituindo-se em atividade econômica com grande potencial de expansão, inclusive como fonte de emprego e renda. Devido à importância econômica e cultural do artesanato, propomos uma leitura do mesmo a partir de referenciais da gestão social e *design* para a sustentabilidade, que serão discutidos a seguir.

2.2 Gestão social

Nos estudos atuais sobre gestão social, há um grande debate quanto ao conceito. Segundo Tenório (2008), o conceito de gestão social tem sido objeto de estudo e prática associado

à gestão das políticas sociais, de organizações do terceiro setor, de combate à pobreza e até à gestão ambiental, ao invés de estar relacionado à discussão e possibilidade de uma gestão democrática, participativa, quer na formulação de políticas públicas, quer naquelas relações de caráter produtivo.

Fischer e Melo (2006, p. 17) entendem a gestão como “ato relacional que se estabelece entre pessoas, em espaços e tempos relativamente delimitados, objetivando realizações e expressando interesses de indivíduos, grupos e coletividades”. Num formato de parceria com o público beneficiário, passa a ser de uma importância ímpar, o fazer “com”, o que garante uma visibilidade e uniformidade de linguagem e diagnóstico coletivo.

Na literatura atual sobre gestão social, encontramos, também, referências à gestão das ações sociais públicas. Tenório (*apud* FISCHER; MELO, 2006, p. 17) afirma que “gestão social é o processo intersubjetivo que preside a ação da cidadania tanto na esfera privada quanto na esfera pública”. Na esfera pública não-estatal, estas relações ganham poder com o terceiro setor, representado pelas organizações da sociedade civil, fundações e outros empreendimentos associativos sem fins lucrativos e que se fortalecem atualmente em redes.

Dentre estes empreendimentos associativos, estão os grupos e associações de artesãos que se organizam para suprir necessidades de geração de renda e lutar por políticas públicas para o artesanato. Esses grupos se manifestam, na sua forma de regulação social, política e econômica, com características que as aproximam do fenômeno da economia solidária. O que entendemos por economia solidária será exposto a seguir.

2.3 Economia solidária

A Economia Solidária é outra forma de economia que se desenvolve na contemporaneidade e tem como o principal antecedente o cooperativismo operário, que surge como reação ao alarmante empobrecimento dos artesãos provocado pela propagação das máquinas e da organização fabril da produção

da Primeira Revolução Industrial. Porém, partindo de uma visão intercultural, existiram em todos os continentes e em diferentes culturas práticas econômicas fundadas em princípios de solidariedade.

Vários teóricos se dedicam à conceituação da Economia Solidária. França Filho (2002), seguindo referenciais de sociologia e antropologia econômica - como os autores Marcel Maus e Karl Polanyi - entende Economia Solidária como uma outra possibilidade de sustentação das formas de vida de indivíduos em sociedade, não centradas nas esferas do Estado e do Mercado.

A mesma percepção tem Andion (2002) ao identificar a Economia Solidária como uma forma de organização que atua no campo social, mobilizada a partir da sociedade civil e que tem as seguintes características: (i) demanda e oferta são construídas de maneira conjunta, ou seja, as iniciativas vinculam-se, exclusivamente, às necessidades ou demandas reais vividas localmente pelas populações; (ii) é um espaço enraizado na esfera pública, constituindo-se em uma comunidade política local; (iii) visa a uma ampliação do acesso aos bens e serviços produzidos; e (iv) sua gestão está baseada na hibridação de diferentes fontes de financiamento (doações, vendas de produto, públicas, investimento social privado etc). De acordo com França Filho (2002) e Andion (2002), a Economia Solidária permitiria a essas organizações assumirem, simultaneamente, funções produtivas, espaços de proximidade e espaços públicos.

Enquanto prática, a Economia Solidária se firma, de modo concomitante, em duas realidades distintas, tanto na Europa como na América Latina, ao longo dos anos 90, não estando, portanto, necessariamente, relacionada à pobreza, mas sim a condições mais justas de produção e distribuição de ganhos e de melhor condição de vida. Tal prática tem-se revelado como eficiente mecanismo gerador de trabalho e renda.

No Brasil, a Economia Solidária se encontra inserida, nos nossos dias, na concepção de novas formas de trabalho e geração de renda, com múltiplas atividades socioeconômicas que visam ao desenvolvimento social e político local, a partir de movimentos e organizações da sociedade civil que se expressam na forma de cooperativas

de crédito, bancos populares, cooperativas populares de produção e de serviços, empresas autogestionárias, clubes de trocas e associações de produtores e de moradores (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004, p.150-158). A resistência de trabalhadores e trabalhadoras à crescente exclusão social, desemprego urbano e desocupação rural se configurou como fator fundamental que impulsionou o rápido crescimento do movimento da economia solidária no país.

Com a articulação de atores diversos, essa resistência se manifesta na forma de iniciativas associativas e solidárias, dentre as quais, estão os grupos organizados de artesãos que se unem para suprir necessidades de geração de renda e para lutar por políticas públicas para o artesanato. Uma busca no *site* Cirandas³, nos revela mil e oitocentos empreendimentos solidários de produção artesanal espalhados pelo país, o que demonstra a força desse modo de produção e de organização em âmbito nacional.

Para Silva Jr & França Filho (2003), em reforço a tal argumento, o reconhecimento, no caso do Brasil, da existência desta outra lógica econômica encontra-se no conjunto de experiências associativistas e de cooperativistas populares, “marcadas por uma dinâmica associativa do ponto de vista interno, mas ao mesmo tempo abertas sobre o espaço público, isto é, voltadas para o enfrentamento de problemáticas públicas locais”.

Segundo esses autores, a consideração de tais formas de produção e distribuição de riqueza, baseadas nos princípios associativos e recíprocos, seria um passo para o entendimento conceitual do que se compreende pela noção de Empreendimento da Economia Solidária. É neste tipo organizacional de empreendimento que se enquadram as associações de artesãos, como as tratadas neste artigo.

2.4 Do *design* ao *design* para a sustentabilidade

A história do *design* como um todo, considerando que o termo é muito abrangente, se mistura com a própria história da cultura material. Desde a pré-história, o homem produz objetos, edificações e imagens. Alguns teóricos

chamam os resultados dessas produções de *design* vernacular⁴, que são soluções materiais ou visuais e artefatos presentes no cotidiano e que indicam forte ligação com a cultura local; em outras palavras, qualquer artefato desenvolvido a partir de um hábito cultural.

Cada cultura tem um relacionamento próprio com os seus objetos, o que torna difícil fazer uma separação generalizada entre objetos de arte e de *design*. A utilização das práticas do que viria a se tornar o *design* tomou corpo em meados do século XIX com a Revolução Industrial, quando as novas tecnologias transformaram radicalmente as forma de produção (BÜRDEK, 2006); o que antes era produzido artesanalmente passou a ser produzido em série. O protótipo do produto ainda era criado pelo artesão, mas, as exigências de rigor no projeto fez surgir a necessidade de um novo profissional especializado em projetar artigos que se adaptassem à nova realidade tecnológica.

Desde a sua industrialização, o mundo segue a todo vapor em direção ao que se convencionou chamar de 'progresso', cuja sociedade está voltada ao consumo. Nessa sociedade, a felicidade é medida pelo poder de compra e se estabelece uma 'mecânica do consumo' na qual a lei é a renovação dos bens de obsolescência planejada e apoiada por criativas publicidades.

Assim, o conceito do *design* se solidifica associado à industrialização, o que, teoricamente, o distancia das tecnologias manuais, com os modos viver, fazer e pensar próprios das culturas anteriores à industrialização. Ainda que alguns autores - tais como Jollant-Kneebone (2003) - compreendam que o *design* não condiz com as tecnologias manuais, outros (CUNHA DE CASTRO, 2009; BORGES, 2011) englobam o reconhecimento da utilização do artesanato como ferramenta de expressão do *design*, enfatizando, ainda, o seu potencial transformador em comunidades tradicionais e em empreendimentos solidários. O *design* pode ampliar as possibilidades de forma criativa, além de buscar soluções, estimulando a substituição da competição pela cooperação ou, pelo menos, buscando proporcionar um equilíbrio entre esses dois vetores.

Concordamos com Cunha de Castro (2009) quando a autora defende que a possibilidade de projetar pequenas séries diferenciadas para

produção, em ambientes tradicionais, viabiliza uma forma de *design* que se alimenta da cultura contemporânea e local caracterizada por singularidades regionais. Parte-se do contexto produtivo artesanal, para dotá-lo de estratégia e método, além da possibilidade de contribuir para a busca do desenvolvimento sustentável nas suas variadas dimensões.

Nesse sentido, Manzini (2008, p.33) aponta como uma das tendências rumo ao desenvolvimento de soluções de *design* "o uso compartilhado e flexível dos bens comuns e a infra-estrutura de serviço" e a inteligência de sistemas, nos quais alguns dos seus aspectos mais característicos são fortalecer as pessoas, desenvolver redes e produzir com resíduo zero.

Desta forma, as funções do *design* não se limitam a configurar, conceber, elaborar e especificar um artefato. Conforme Manzini (2008), é fundamental buscar uma abordagem estratégica do *design* e levar, seriamente, em consideração os critérios da sustentabilidade, a fim de mover a concepção predominante de *design* em direção ao *design* voltado à sustentabilidade.

Por tanto, encorajar mudanças no modo como os indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades é um das finalidades do *design*. Thackara (2008, p. 30) defende que a maioria das soluções é composta de práticas sociais - algumas muitas antigas, que evoluíram em outras sociedades e outros tempos. É com essa perspectiva que aproximamos o *design* das práticas da economia solidária, bem como das questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável em suas variadas dimensões - ambiental, social, político, cultural, econômico e institucional.

3. Delineamento Metodológico

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva, quantitativa e de campo, na qual se buscou examinar os indicadores de *design* para a sustentabilidade nas práticas do artesanato de base associativa, em Juazeiro do Norte/CE, e suas relações com a economia solidária. Além da pesquisa de campo, realizamos, também, pesquisa bibliográfica para construção do quadro

teórico de análise, que nos permitiu identificar escassez de estudos relacionando *design* com sustentabilidade, gestão social e economia solidária.

Os dados coletados foram tabulados no SPSS v.15 e as variáveis em questão receberam tratamento estatístico descritivo (frequência, percentual, moda, mediana e média das variáveis do estudo).

3.1 Instrumento e Procedimentos

Os dados analisados neste artigo são um recorte do mapeamento realizado para a primeira etapa do Projeto Fomento à Economia Solidária e Fortalecimento dos Laços Sociais na Região do Cariri, desenvolvido pelo Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS) da Universidade Federal do Ceará, no Campus Cariri.

Após realização do pré-teste, elaboramos uma versão final do roteiro de entrevista composto por 70 questões, distribuídas em três seções: a) identificação pessoal e condições de moradia; b) condições profissionais e econômicas; e c) aspectos educacionais e culturais. O instrumento utilizado para tal consistiu em um roteiro de entrevista que combinou perguntas estruturadas, em que os entrevistados respondem a perguntas cujas possíveis respostas já estão previamente selecionadas, e perguntas semi-estruturadas, em que o respondente pode discorrer sobre a pergunta livremente (MINAYO, 1994).

Infelizmente, não dispomos de informações mais exatas sobre a atividade artesanal em sua amplitude. Não há pesquisa, um mapeamento ou um censo que aponte ou se aproxime da quantidade dos artesãos existentes em Juazeiro do Norte/CE; o monitoramento vem ocorrendo apenas no âmbito dos programas ou projetos. Tivemos, apenas, acesso ao cadastro de artesãos do Centro de Artesanato do Ceará⁵ e das associações dos Artesãos do Padre Cícero, da Mãe das Dores, dos Artesãos da Feart, Genipoart e ALAMOCA. Alguns endereços não puderam ser visitados, pois estavam incompletos ou não existiam. Ademais, muitas pessoas cadastradas nunca foram artesãos, ou abandonaram a atividade, faleceram ou, ainda, mudaram de endereço.

Diante de tais dificuldades, conseguimos chegar ao número de 225 questionários aplicados. A partir do roteiro de coleta de dados em sua versão final, as entrevistas com os artesãos do município de Juazeiro do Norte foram iniciadas em março e encerraram-se em agosto de 2009.

3.2 Participantes

Foram respondidos 225 questionários em forma de entrevistas, dos quais 73 respondentes eram do sexo masculino (32,4%) e 152 do sexo feminino (67,6%). Oitenta respondentes, ou seja, 35,5% da amostra, têm mais de 44 anos, sendo que a média de idade correspondeu a 40,3 anos.

Em relação à naturalidade, 69,3% dos respondentes nasceram na região do Cariri, sendo 55,3% em Juazeiro do Norte, 11,2% em outra cidade do Ceará e 19,5% em outro estado. Os resultados sobre idade e naturalidade nos fazem crer que a atividade artesanal em Juazeiro do Norte ainda é, de forma significativa, exercida por pessoas que, provavelmente, recebem incentivos à produção artesanal da Associação dos Artesãos do Padre Cícero.

Quanto à escolaridade da amostra, temos os seguintes dados: 8% dos artesãos são analfabetos; 7% são alfabetizados; 25% com ensino fundamental incompleto; 11%, ensino fundamental completo; 9%, ensino médio incompleto; 30%, ensino médio completo; 3%, ensino superior incompleto e 7% com ensino superior completo. É representativo o fato de a maioria dos respondentes possuir ensino médio completo e 10% da amostra possuir nível superior, mesmo que incompleto, de escolaridade.

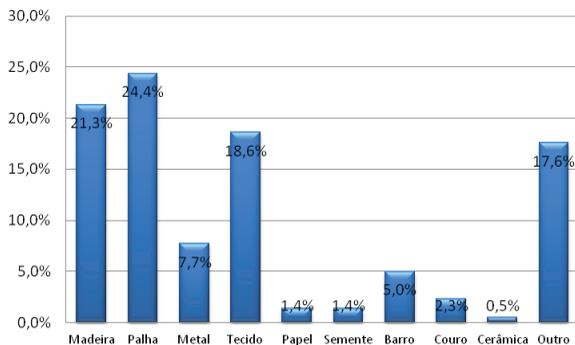
4. Resultados e discussão: as dimensões ambiental, econômica, social e cultural do artesanato de Juazeiro do Norte/CE

Sendo a proposta, com este artigo, apresentar os indicadores de *design* para sustentabilidade no artesanato de Juazeiro e examinar suas relações com a economia solidária, as variáveis analisadas não se restringem à dimensão ambiental, mas, também, às dimensões econômica, social e cultural.

Para analisar a dimensão ambiental, os indicadores de sustentabilidade examinados foram: tipologia, preocupação ambiental por parte dos artesãos, preocupações em relação à aquisição da matéria-prima e descarte dos resíduos do processo produtivo.

Em relação à tipologia que, segundo classificação do Sebrae, refere-se à matéria-prima utilizada na confecção das peças, temos os maiores percentuais entre a utilização de palha (24%) e madeira (21%). Conforme relata Santos (2007), entre as tipologias de artesanato mais produzidos em Juazeiro do Norte estão a palha, a cerâmica e a madeira. Acreditamos que a disponibilidade da matéria-prima na região contribui para essa predominância, além da importância cultural, simbólica e religiosa contidas no chapéu de palha característico dos romeiros do “padinho”, visto que grande parte do trançado em palha é voltada para a produção desse artefato.

Gráfico 1: Matéria-prima utilizada pelos artesãos



Dos entrevistados, 60,9% responderam positivamente quando questionados se agem com preocupação ambiental na seleção da matéria-prima e 39,1% responderam negativamente. No entanto, observamos que dos 134 respondentes que afirmaram ter preocupação ambiental na seleção da matéria-prima, apenas 66 responderam qual tipo de cuidado ambiental desenvolviam. Possivelmente, os artesãos têm consciência da importância das práticas sustentáveis, mas, de fato, não a praticam.

Isso se torna evidente quanto a forma de aquisição da matéria-prima, pois a maior parte dos

respondentes compra a matéria-prima (84,2%); 1,8% recolhem na vizinhança; 0,5% recolhem no lixo; 2,3% extraem da natureza; 1,8% coletam da natureza; 4,5% recebem doações e 5% adquirem a matéria-prima de outra forma. Seguindo os princípios da sustentabilidade, seria ideal que os maiores percentuais de respostas se referissem a recolher na vizinhança e no lixo, coletar da natureza (de forma responsável) e receber doações. No entanto, a maioria dos respondentes compra a matéria-prima e se desresponsabiliza de aspectos como plantio e extração, utilização de agrotóxicos; e, por outro lado, tal prática encarece seu produto e, muitas vezes, descaracteriza o artesanato tradicional.

Nas questões de sustentabilidade, a preocupação com a matéria-prima tem lugar de destaque, pois, de acordo com Freeman (2010), a cultura tem como maior recurso o patrimônio imaterial, mas não há produção cultural sem utilização de recursos materiais. Todo recurso material ou físico é passível de esgotamento e seu uso pode ser poluente. O artesanato não existe sem o suporte físico e, portanto, depende da sua sustentabilidade.

Complementando a idéia exposta anteriormente, Reis (2006) concorda que, partindo do princípio da sustentabilidade, a matéria prima deve ser adquirida de forma menos impactante ao meio ambiental, pois a negligência em preservar a diversidade biológica acarreta perdas irreversíveis para a diversidade cultural.

A preocupação ecológica parece ser mais expressiva em relação aos resíduos da produção artesanal que em relação à aquisição da matéria-prima, pois 34,7% dos respondentes afirmaram colocar lixo para coleta e 1,3% destes afirmaram realizar separação de material reciclável; 31,6% reutilizam na confecção de outros produtos; para 19,1% não há geração de resíduos. 8,9% queimam os resíduos; 0,4% colocam em terrenos; 0,9% transformam os resíduos em adubo e 1,8% doam para outros artesãos.

Manzini (2008) coloca que a preocupação com a destinação do resíduo gerado pela produção é um critério para a sustentabilidade e refere-se aos princípios éticos relacionados às pessoas, à sociedade e à nossa relação com a natureza e o meio ambiente. Porém, no que se

refere ao restante do ciclo de vida do produto, de fato, precisa haver uma conscientização efetiva. Percebemos que existe uma sensibilidade ou uma receptividade para questões ambientais, mas carecem de informação, orientação e acompanhamento.

Quanto à dimensão econômica, foram analisadas duas variáveis envolvendo a renda adquirida a partir do artesanato: se o artesão possui outra atividade que proporciona renda e; se o artesanato representa principal fonte de renda e tempo de trabalho. À primeira questão, responderam 181 entrevistados do total de 225. A abstenção de 44 respondentes denuncia uma dificuldade em pesquisas, com artesãos, que se refiram a perguntas sobre renda e a veracidade das respostas emitidas. Borges (2011, p. 212) aponta que muitos artesãos omitem a própria prática da atividade artesanal por medo de perder benefícios do governo. Dentre os respondentes, 36,4% não possuem outra atividade e 17,1% são empregados com ou sem carteira assinada, em agricultura familiar, como trabalhador rural, empreendedor formal e informal, funcionário público e empregado doméstico. Barbosa da Silva (2007), em pesquisa realizada sobre mercado de trabalho cultural, aponta o artesanato como setor cultural de menores rendimentos econômicos e níveis de escolaridade e alto índice de informalidade. A predominância da exclusão social no artesanato favorece a busca dos artesãos por outras atividades, para complementar a renda familiar.

Por outro lado, para 69,6% da amostra, o artesanato representa principal fonte de renda. Isso complexifica a análise de sustentabilidade econômica do artesanato em Juazeiro, pois, ao mesmo tempo em que esse trabalho não é suficiente para manter o artesão, é este a sua renda principal.

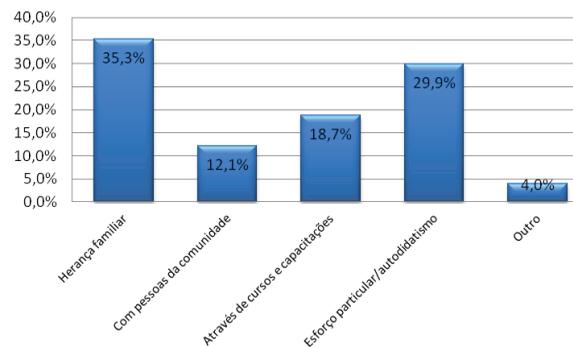
Em relação ao tempo de trabalho com artesanato, observa-se que a maioria dos entrevistados possui estabilidade na atividade artesanal, pois 61,3% dos entrevistados trabalham com artesanato há mais de 10 anos e com menos de um ano de trabalho, temos 2,2% dos respondentes; 24,4% dos respondentes estão nessa atividade entre 6 e 10 anos. Certamente, essa é uma atividade que permite auxiliar no sustento

da família, uma vez que significa a principal fonte de renda para 70% dos respondentes, além de representar uma tradição cultural do município.

No que se referem às dimensões social e cultural, há variáveis comuns para análise entre elas, quais sejam: aprendizagem do ofício artesanal, participação de familiares e parentes na realização do trabalho, local de trabalho e propriedade do equipamento de produção. Referindo-se somente à dimensão social, temos como variável se o artesão é associado e as vantagens que ele percebe em ser associado.

Quando questionados sobre como aprenderam o ofício artesanal, as respostas se dividem entre herança familiar (35%) e esforço particular/didatismo (30%).

Gráfico 2: Como os artesãos aprenderam o ofício artesanal



Pereira (1979) ressalta que o artesanato, no conjunto diversificado das suas manifestações, responde pela existência de todo um sistema informal de capacitação de mão-de-obra, promovendo aptidões e habilidades que resultam em capacidade operativa, em que oferece informações tecnológicas básicas e oportuniza a aquisição de conhecimentos gerais e a incorporação de hábitos e atitudes de trabalho pelo indivíduo. Consideramos que tal sistema de capacitação é uma característica pertinente ao *design* sustentável, pois além de dar continuidade à tradição familiar, social e cultural, acontece de forma menos onerosa do que os modos tradicionais de capacitação.

Quanto à participação de parentes e filhos no artesanato, temos que 61% da amostra possui algum parente trabalhando, também, com

artesanato, sendo que os maiores percentuais concentram-se entre esposo(a), filho(a) e irmão (53,2%). Em 52,4% dos casos, pelo menos um filho participa do artesanato. A partir dos dados apresentados, podemos afirmar que o artesanato em Juazeiro do Norte é marcado pela presença do núcleo familiar (filhos e pais) na realização da atividade.

Quanto ao tipo de empreendimento, 52,5% dos respondentes são autônomos, 43% fazem parte de associações e 4,5% em micro ou pequena empresa. Das associações que os artesãos fazem parte, temos a ALAMOCA - Associação dos Lapidários e Artesãos Minerais e Ourives da Região do Cariri (1,4%); Artesãos da Associação FEART (12,3%); Associação dos Artesãos da Mãe das Dores (26%); Associação dos Artesãos do Padre Cícero (49,3%); AVBEM - Associação dos Voluntários para o Bem Comum (1,4%); CEART - Central de Artesanato do Ceará (2,7%) [não é associação e sim um programa do governo do estado do Ceará]; GENIPOART - Associação do Grupo de Artesãos da Palha (5,5%); e Pastoral da Criança (1,4%) que não se configura como uma associação de produtores.

Conforme o Fórum Social Mundial (2003):

O movimento cooperativista é historicamente uma das primeiras formas de economia solidária. Apareceu durante a Revolução Industrial como resposta dos trabalhadores à exploração social desse período. As experiências cooperativistas são muito variadas e operam em todos os setores da produção, e no mundo inteiro, oferecem respostas democráticas às relações competitivas e individualistas da economia convencional (FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, 2003 *apud* FREEMAN, 2010, p. 47).

Aos que faziam parte de associação ou outros grupos, foram perguntados se percebiam alguma vantagem em fazer parte de associação, 84,3% responderam que sim e 15,7% responderam negativamente. As vantagens percebidas foram aumento de renda (21,9%), oportunidade de trabalho (35,4%), conhecer outras pessoas (11,5%), ajuda do grupo para superar dificuldades (10,4%), facilidade para treinamentos e viagens, outras (19,8%). Inúmeras são as vantagens do trabalho coletivo com cooperação entre os

indivíduos. Freeman (2010) aponta a possibilidade de redução nos custos a partir das compras no atacado.

O local onde o trabalho é realizado e a propriedade dos equipamentos de produção constituem aspectos da produção artesanal. Aproximadamente 90% dos artesãos trabalham no próprio domicílio, o que justifica o *design* sustentável tanto em sua dimensão social - porque favorece o trabalho no grupo familiar - quanto cultural, pois representa uma tradição do local, proposta pelo fundador da cidade, quando o mesmo divulgava o lema “em cada casa uma oficina, em cada oficina um oratório”. Já a propriedade do equipamento de trabalho, em 87,6% dos casos, faz-nos refletir sobre a dimensão social do *design* para a sustentabilidade, que, nesse caso, não parece ser indicador de sustentabilidade ou mesmo dos princípios de Economia Solidária.

5. Considerações Finais

Considerando que o desenvolvimento, entendido tradicionalmente como crescimento econômico, representa uma perspectiva objetivamente impraticável, acreditamos que o desenvolvimento deve buscar as melhorias da qualidade de vida substantiva e instrumental, envolvendo as dimensões econômica, social, cultural, ambiental e físico-territorial, político-institucional e científico- tecnológica. Nesse sentido, encontramos exemplos de eco-vilas e comunidades criativas socialmente difusas desenvolvendo ações colaborativas que visam resolver seus problemas ou criar novas oportunidades, promovendo, com isso, uma melhora integral na qualidade de vida da comunidade.

Neste artigo, realizamos uma investigação dos indicadores de *design* sustentável nas práticas do artesanato em Juazeiro do Norte e sua relação com Economia Solidária, visando nortear futuras pesquisas, bem como no sentido prático de colaborar com a sustentabilidade (econômica, social e ambiental) do artesanato da cidade.

A elaboração do estudo fundamentou-se no levantamento de dados com um grupo de 225 artesãos da cidade de Juazeiro do Norte.

Para análise dos dados coletados, buscamos embasamento teórico nas áreas do *Design*, Artesanato, Gestão Social, Economia e Política Cultural, Gestão Cultural e História, permitindo a apresentação de indicadores de sustentabilidade presentes nas práticas do grupo de artesãos. Como exemplo, temos: a atividade faz parte da tradição familiar e é desenvolvida nesse ambiente; quase metade dos respondentes são associados; a atividade artesanal representa principal fonte de renda para mais da metade da amostra. Por outro lado, há alguns aspectos da sustentabilidade ambiental que precisam ser desenvolvidos, pois, apesar de haver consciência da necessidade de práticas ecológicas no descarte dos resíduos, no que se refere à aquisição da matéria-prima, a consciência ecológica se apresenta em menor medida, ou seja, o discurso dos artesãos se difere do que realmente ocorre na prática laboral ou limita a mesma.

À guisa de sugestão para pesquisas futuras, apontamos que os dados podem ainda ser amplamente explorados de outros pontos de vista e a partir de novas correlações entre variáveis como preocupação ambiental e escolaridade, preocupação ambiental e tipologia artesanal.

Algumas limitações no mapeamento podem ser listadas: 1) interferência do efeito da desejabilidade social, pois percebemos que 61% da amostra afirmaram agir com preocupação ambiental porque imaginam essa ser a resposta esperada pelo pesquisador; 2) ausência de um cadastro dos artesãos de Juazeiro do Norte; e 3) dificuldade dos artesãos em responderem perguntas sobre aspectos econômicos do artesanato.

Outrossim, os achados deste trabalho podem contribuir no sentido de acrescentar informações para estudos que pretendem compreender o comportamento do artesão de Juazeiro do Norte, bem como aponta para a necessidade de ações, no âmbito das políticas públicas, voltadas para a sensibilização, conscientização e, finalmente, prática de atitudes sustentáveis nas suas variadas dimensões; porém, cientes que essa transição rumo à sustentabilidade será um processo gradual de aprendizagem social, com erros e contradições.

Referências

ANDION, Carolina M. As particularidades da gestão em organizações da economia solidária. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD, 25., 2002, Campinas. **Anais...** Campinas: ANPAD, 2002.

ARAÚJO, Iara Maria de. **Os novos espaços produtivos: relações sociais e vida econômica no Cariri cearense.** Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BARBOSA DA SILVA, Frederico A. Economia e política cultural: acesso a emprego e financiamento. **Coleção Cadernos de Políticas Culturais**, v. 3. Brasília: MINC, 2007. Disponível em: [HTTP://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cadernosdepolitica/cadvol3.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cadernosdepolitica/cadvol3.pdf). Acesso em: 5 fev. 2011.

BAZIN, Germain. **História da história da arte.** Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro.** 1ª ed. São Paulo : Editora Terceiro Nome, 2011.

BÜRDEK, Bernhard E. História, teoria e prática do design de produtos. Tradução Freedy Van Camp. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2006.

CUNHA DE CASTRO, Maria Luiza Almeida. Entre a arte a indústria: o artesanato em suas articulações com o design. *Revista Espaço Acadêmico*, v 9, n. 102, p.89-96, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7356/4809>. Acesso em: 01 fev. 2011.

FRANÇA FILHO, Genauto C. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. **Bahia Análise e Dados**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 9-19. jun.

2002.

_____; LAVILLE, Jean-Louis. **Economia solidária: uma abordagem internacional.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro; QUEIROZ, Silvana Nunes de; CORDEIRO NETO, José Raimundo. Industrialização, trabalho e sociabilidade no espaço urbano do triângulo CRAJUBAR-CE. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v.1, n. 2, p. 91-104, jul. 2009.

FISCHER, Tânia; MELO, Vanessa. Programa de desenvolvimento e Gestão Social: Uma construção coletiva. In: FISCHER, Tânia; ROESCH, Sylvia; MELO, Vanessa Pasternostro (Org.). **Gestão do desenvolvimento territorial e residência social: casos para ensino.** Salvador: EDUFBA, CIAGS/UFBA, 2006. p. 13-41.

FREEMAN, Claire Santanna. Cadeia produtiva da economia do artesanato: desafios para seu desenvolvimento sustentável. **Coleção Monografias.** Rio de Janeiro: Ed. E-livre, 2010. Disponível em: http://www.gestaocultural.org.br/pdf/ClaireSF_vers%C3%A3o_ONLINE.pdf. Acesso em: 31 jan. 2011.

GONÇALVES, Sara Maria da Silva. **Economia solidária, associativismo & autogestão: uma análise das associações de artesanato de Juazeiro do Norte/CE.** Monografia (Graduação) - Curso de Administração da Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte. 2010.

JOLLANT-KNEEBONE, F Design - état des lieux, Genius loci. In: JOLLANTKNEEBONE, F.(Org). **La critique en design** - contribution à une anthologie. Nîmes: Jacqueline Chambon. 2003. p. 203-210.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** 2005. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf. Acesso em: 01 jan. 2011.

MANZINI, Ézio. **Design para a inovação social e sustentabilidade:** comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, Ézio; VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis:** os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MARTINS, S. Arte e artesanato folclóricos. Coleção: **Cadernos de Folclore**, n. 10, Brasília: Funarte, 1973.

MINAYO, Maria Cecília S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **Artesanato – definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; o programa nacional de desenvolvimento do artesanato.** Brasília: MTB, 1979.

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de mestre:** itinerários de arte e tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

RABELLO, Sylvio. **Os artesãos do Padre Cícero:** condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

REIS, Ana Carla. Diversidade cultural e biodiversidade – Patrimônio independentes e pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável. In: ENCONTROS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA - ENECULT, 2., 2006, **Anais...** Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2006. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecul2006/ana_carla_fonseca_reis.pdf. Acesso em: 14 fev. 2011.

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão.** Trad. Maria de Loides Menon. Campinas: Autores Associados, 1998.

RUSSI, Adriana. Cestaria, homem e natureza: a arte do trançado do Rio Juquiá-Guaçu. **Textos escolhidos de cultura e artes populares.** v. 1, n. 1, p. 53-59, 2004.

SANTOS, Evelynne Tabosa dos. **Exportações de artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração da Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Educação e trabalho artesanal. In: RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão.** Campinas: Autores Associados, 1998. p. 1-10.

SILVA JR, Jeová T.; FRANÇA FILHO, Genauto C. Fato associativo e economia solidária: a experiência do banco Palmas no Ceará. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL, 9., 2003, Salvador. **Anais...** Salvador: CIAGS, 2003.

TENÓRIO, Fernando G. (Re)visitando o conceito de gestão social. In: SILVA JR., Jeová Torres; TEIXEIRA, Rogério; MÂSIH et al. (Org.). **Gestão social: práticas em debate, teorias em construção.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. p. 37-59.

THACKCARA, John. **Plano B: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo.** Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Editora Saraiva: Versar, 2008.

de *design*, diversas outras expressões são utilizadas, como "*design* alternativo", "*design* improvisado", "*design* popular", "*design* espontâneo". Gambiarra é o termo popular que vem sendo cada vez mais usado para definir este tipo de prática.

5 O Centro de Artesanato do Ceará é um programa pertencente ao Governo do Estado do Ceará e faz parte da Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social.

Notas

1 Fundador da cidade de Juazeiro do Norte/CE, antes Tabuleiro Grande, líder religioso e político que conquistou notoriedade e reconhecimento nacionalmente.

2 Transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo.

3 O Cirandas é uma iniciativa do FBES - Fórum Brasileiro de Economia Solidária - que tem como objetivo oferecer ferramentas na Internet para promover a articulação econômica, social e política de quem se interessa pela Economia Solidária ou vive dela. Disponível em: <http://cirandas.net/fbes/o-que-e-o-cirandas>. Acesso em: 17 fev. 2011.

4 Para descrever formas alternativas ou não-acadêmicas

